



## Trabalhos Científicos

**Título:** Endocardite Bacteriana Devido Embolização De Cateter Em Criança De Dois Meses

**Autores:** EDNA YAYOI SAEKI (HOSPITAL ESTADUAL DE BAURU), NAYARA CAROLINE CARAVANTI (UNIÃO DAS FACULDADES DOS GRANDES LAGOS), MARIA BEATRIZ MARQUES RIBEIRO (UNIÃO DAS FACULDADES DOS GRANDES LAGOS), LUCAS ANTONIO TEIXEIRA DOS SANTOS (UNIÃO DAS FACULDADES DOS GRANDES LAGOS)

**Resumo:** Introdução: Endocardite infecciosa (EI) tem alto risco de morte, com incidência anual de 0,05 e 0,12 casos por 1000 internações pediátricas. É incomum em crianças com estrutura cardíaca normal, nestes casos é frequente a associação com embolização de cateter venoso central (CVC). Descrição do caso: Paciente de 2 meses, admitida em 2007 devido quadro de pneumonia associada à insuficiência respiratória evoluiu com EI e choque séptico. À hemocultura identificou-se *Staphylococcus aureus* sensível a penicilina, sendo instituída antibioticoterapia. O ecocardiograma mostrou presença de vegetação grande aderida à valva tricúspide. Recebeu alta hospitalar, após 50 dias de internação, com acompanhamento periódico no ambulatório de cardiologia. Após um ano, um novo ecocardiograma foi realizado evidenciando presença de ponta de cateter localizado em átrio direito e veia cava superior, o que desencadeou a clínica prévia da paciente. Discussão: Fratura de CVC é complicação rara, porém séria, podendo levar a complicações, como a EI em que o *Staphylococcus aureus* geralmente é o agente mais comum quando está associado ao uso de CVC e drogas injetáveis. Apesar de alguns pacientes permanecerem completamente assintomáticos, o risco dessas complicações torna a remoção do cateter sempre desejada. Apesar da literatura trazer dados relevantes sobre a importância de remoção cirúrgica do cateter após realizado o diagnóstico, a paciente em questão não foi abordada cirurgicamente devido a cronicidade do quadro, sendo optado por acompanhamento anual no ambulatório de cardiologia do hospital, com realização de ecocardiograma e profilaxia para EI. Conclusão: A paciente manteve-se assintomática desde a alta hospitalar, há 12 anos. Este fato demonstra que foi possível a mesma conviver com a presença do corpo estranho, podendo desempenhar suas atividades habituais sem prejuízos, entretanto não demonstra qual o resultado a longo prazo nem quais complicações a paciente poderá desenvolver oriundas desta conduta.